

FOTOGRAFIAS E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

FOTOGRAFÍAS Y SENTIMIENTO DE PERTENENCIA

PHOTOGRAPHY AND SENSE OF PLACE

Interfaces entre universidade e sociedade através do projeto: ensino, pesquisa e extensão

Carla Paoliello

Doutora em Engenharia de Estruturas e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

Alessandra Pires

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

Henrique Xavier Campos Junior

Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

Rafaela Tavares Xavier

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

Resumo: Este artigo apresenta o projeto de extensão intitulado "Intervenção Urbana Multidisciplinar: trabalho técnico-social vinculado ao programa FNHIS" desenvolvido pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais no bairro Morada do Vale, em Coronel Fabriciano / MG. O objetivo é apresentar a fotografia como recurso capaz de possibilitar pessoas a verem e investigarem espaços públicos e como estratégia para desenvolvimento de um sentimento de pertencimento.

Palavras-chave: Fotografia, lugar, pertencimento.

Resumen: En este artículo se presenta el proyecto de extensión titulado "Intervención Urbana Multidisciplinar: trabajo técnico-social vinculado ao programa FNHIS" desarrolladas por el Curso de Arquitectura y Urbanismo de lo Centro Universitario do Leste de Minas Gerais, en el barrio Morada do Vale en Coronel Fabriciano / MG. El objetivo es dar a conocer la fotografía como técnica para ver e investigar los espacios públicos y como estrategia para el desarrollo de un sentido de pertenencia.

Palabras clave: Fotografía, lugar que pertenece.

Abstract: This paper presents a Project entitled "Multidisciplinary Urban Intervention: a social and technical work linked to the FNHIS Program" developed by the Architecture and Urbanism Course of Centro Universitario do Leste de Minas Gerais at Morada do Vale, Coronel Fabriciano / MG. The goal is to present photography as a technique that enables people to see and investigate public spaces and as a strategy to create sense of place.

Keywords: Photography, place, sense of place.

FOTOGRAFIAS E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

INTRODUÇÃO

Localizado na cidade de Coronel Fabriciano, interior de Minas Gerais, o Morada do Vale é um bairro que recentemente participou do programa do Fundo Nacional de Habitação e Interesse Social – FNHIS. Este é um programa proposto pelo Ministério das Cidades que tem, como objetivo, instituir o acesso a terra urbanizada e habitação digna à população de menor renda.

Com o objetivo de desenvolver atividades socioeducativas visando melhorar as condições de vida da população, foi desenvolvido pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais em parceria com a Prefeitura de Coronel Fabriciano o projeto de extensão intitulado "Intervenção Urbana Multidisciplinar: trabalho técnico-social vinculado ao programa FNHIS".

Neste projeto, o Curso de Arquitetura e Urbanismo foi o responsável por discutir questões relacionadas ao patrimônio de maneira a preservar a memória local, integrar a comunidade ao novo espaço habitacional e criar um sentimento de pertencimento. Para tal, foi utilizada a fotografia como meio de registro dos olhares dos moradores por sobre o bairro.

Este artigo apresenta a fotografia como recurso capaz de auxiliar pessoas a verem e investigarem espaços públicos e como estratégia para desenvolvimento do sentimento de pertencimento. São avaliados textos de autores diversos sobre o uso da fotografia e discutidos conceitos de lugar, percepção, pertencimento e patrimônio. É apresentada a metodologia usada e os resultados percebidos durante o projeto.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Diversas metodologias para desenvolvimento de um sentimento de pertencimento de lugar já foram apresentadas por outros autores, (OLSTAD, 2012; NAJAFI e SHARIFF, 2011; STEWART, WILLIAMS e KRUGER, 2009; SEMKEN e FREEMAN, 2008; e FERREIRA, 2000). Entretanto, apenas alguns utilizaram da máquina fotográfica para ampliação desta percepção.

Burgin (1996) coloca a fotografia com atributo de linguagem, sendo um instrumento claro o suficiente para vender, informar, representar, registrar, surpreender e encantar. Barthes (1984), no clássico livro intitulado “A Câmara Clara: nota sobre fotografia”, apresenta que uma foto pode ser objeto de três práticas: fazer, suportar e olhar. Desta maneira, esclarece que é necessário existir o operador que é o fotógrafo, sujeito que olha; o referente que é aquele que é fotografado, sujeito olhado; e o spectator que é quem olha e se interessa por fotografia.

Este último autor ainda apresenta que a foto jamais se distingue de seu referente, do que ela representa, que sempre é apropriado pelo fotógrafo, além de declarar notável tudo o que é fotografado. Essa hipótese vai de encontro ao explicado por Pozzer-Ardenghi e Roth (2005), “cada imagem incorpora uma maneira de ver não podendo, portanto, ser a fotografia um registro mecânico”.

É importante também citar a experiência de Ferrara (1996) em São Miguel Paulista. Neste município, a fotografia também foi usada como meio de pesquisa, e semelhante ao aqui proposto, para esta autora,

a fotografia enfatizava o caráter sógnico e de linguagem da percepção ambiental e informacional, (...) não congelava a realidade ambiental, mas era um recurso altamente informativo e representativo pela seleção do que se fotografava e do modo como se fotografava.

A maneira de ver do fotógrafo está refletida na escolha do que ele fotografou, ou seja, é observada uma correlação entre a formação de imagens e a formação da identidade. Além disso, o emprego da máquina fotográfica consegue ampliar a percepção do espaço e, conseqüentemente, do lugar vivido.

Santos (1996) define paisagem como o conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza, enquanto espaço é um sistema de valores que se transforma permanentemente e influencia sobre as ações humanas.

Para explicar o conceito de lugar, apresenta-se também Aristóteles, para o qual o lugar seria o limite que circunda o corpo. Já Descartes define um lugar em relação à posição de outros corpos. Para os seguidores da Geografia Humanística, o lugar caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente.

Massey (2000), em seu texto “Um sentido global do lugar”, afirma que este é um território transformado pelas relações sociais, pelas emoções, pensamentos e entendimentos sociais. “Os lugares são processos, não são coisas inertes, congeladas no tempo, eles são absolutamente não estáticos, resultados de interações sociais” (MASSEY, 2000).

Para este estudo, lugar foi entendido como produto da experiência humana, fruto da relação entre pessoa(s) e meio, a partir da convivência. Neste contexto, o lugar está contido no espaço e as experiências são as transformadoras dos espaços em lugares. Sabe-se também que o lugar pode ser redefinido e, nesta pesquisa, usou-se da máquina fotográfica como ferramenta capaz de atrelar outros significados referenciais à vida cotidiana, alterando o *modus vivendi* inicial.

Fotografar a cidade não foi apenas estar em um determinado local – a rua, a quadra ou a praça – mas foi visto como um método, uma atitude. O ato de fotografar é uma re-ação, é uma captura. Toda vez que se ouvia o *click* da máquina, era como se houvesse a captura de um tempo, de uma história e de um lugar.

Com a fotografia, os moradores do bairro Morada do Vale, puderam entender o ambiente a seu redor, olharam e interagiram com o seu cotidiano, refazendo significados pré-existentes para transformarem o bairro em extraordinário.

Fazê-los andar pela cidade, para fotografá-la, foi reconfigurar a identidade de cada um e criar uma memória coletiva do lugar habitado. Para Hayden (1995), a identidade está atrelada a memória e o território urbano é um depósito de memórias sociais que podem ser usadas como instrumento de educação patrimonial.

Para Kohlsdorf (2005), a percepção é o principal meio de reconhecimento e valorização do patrimônio cultural. É o processo que torna o ser humano consciente, permitindo-o reconhecer, observar e discriminar objetos, relações e eventos por meio dos sentidos. Tem início com a atenção, que não é mais do que a observação seletiva, para tornar próprio ou apossar, do lugar, as lembranças, acontecimentos e ações.

Em qualquer cultura, as lembranças pessoais e experiências passadas, as fotografias desbotadas e os registros de eventos familiares fornecem marcos de vidas individuais e são de grande valor para o processo de interpretação do patrimônio. (MURTA e ALBANO, 2002)

Mas, em uma escala urbana, como pode ser interpretado o patrimônio? Para Murta e Albano (2002), a resposta acontece através do processo de acréscimo de valor à experiência do morador, por meio do fortalecimento das informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais do lugar estudado.

Na pesquisa aqui proposta, mais que informar, a fotografia conseguiu relevar significados, provocar emoções, estimular a curiosidade, entreter e inspirar novas atitudes diante do bairro e das áreas visitadas. Conseguiu-se revelar sentidos, destacar a diversidade e a pluralidade cultural do local e de seus moradores.

Além disso, sabe-se que a fotografia também abre para um campo imensurável de interpretações, resultado da percepção de quem olha para a imagem. Ao final do projeto, uma exposição com algumas fotos foi realizada para que a comunidade pudesse olhar para as imagens e prestar atenção às diferenças de cada fotografia, comparando-as, e, lentamente, refazer o sentimento de lugar.

Segundo Brandenburg e Carroll (1995) e Relph (1980), sentimento de lugar é um componente de três partes que integra o ambiente físico, o comportamento humano e os processos sociais e psicológicos. Com esse sentimento, consegue-se: valorizar os lugares geográficos, os elementos arquitetônicos, a infraestrutura existente e, por extensão, os elementos urbanos, além do conteúdo social; distinguir o espaço público e o espaço privado; trabalhar com história urbana, sociabilidade e diversidade; e perpetuar a história, criando um espírito de comunidade e de pertencimento.

Usou-se da fotografia enraizada no dia-a-dia para a formação de lugares, identidades e memórias. No próximo item, será explicado como foi realizado o projeto.

METODOLOGIA

Sabe-se que observar a cidade é uma forma eficaz de aguçar os sentidos e que as paisagens urbanas e naturais são multifocais: um mesmo objeto, lugar ou fenômeno tem geralmente vários sentidos e identidades, de acordo com quem os atribui ao longo do tempo (MURTA e ALBANO, 2002).

Era objetivo do projeto fazer com que a fotografia conseguisse intercambiar a interação entre o que a comunidade queria revelar e o que o ambiente conseguia transmitir. Foi dado espaço para a expressão dos próprios moradores para estabelecimento de contatos e rompimento da noção de que a cidade é um lugar de alienação e de separação.

Começou-se o trabalho com uma reunião na qual todas as pessoas da comunidade foram convidadas a participar. Nesta reunião, discutiram-se principalmente maneiras de se começar a olhar uma cidade, um bairro. Quais as construções e os lugares mais importantes para cada membro da comunidade? Como olhar para este bairro e eleger os pontos mais importantes? Eram as perguntas iniciais propostas.

Para que os moradores pudessem reconhecer e refletir sobre o espaço vivido e se reconhecerem como parte deste mundo, propôs-se, um exercício de construção coletiva de um mapa do bairro Morada do Vale. Começou-se por desenhar as casas individualmente, figura 1. Foi incentivado o traço de elementos como o telhado, a fachada, a porta, as janelas, ressaltando materiais usados, texturas e cores. O passo seguinte foi de desenhar o quintal, o muro, o portão.

Figura 01: O desenhar das casas.



Fonte: Acervo dos autores, jun 2012.

Com a finalização dos desenhos iniciais, os moradores colaram os desenhos em uma grande folha em branco, posicionando suas casas no mapa imaginário, figura 2. E, neste momento, todos foram convidados a complementar o mapa de casas com o desenho dos lugares de fluxo: ruas, becos, vielas, acessos e com outros pontos

importantes do bairro: edifícios públicos, elementos topográficos, vegetação, caixa d'água, lugares sagrados, lugares de encontro, mercados.

Figura 02: A construção coletiva do mapa do bairro.



Fonte: Acervo dos autores, jun 2012.

Esta fase do trabalho foi essencial para nivelamento dos participantes e avaliação de como que os moradores conseguiram criar, estruturar, hierarquizar, diferenciar, relacionar, discriminar e integrar os diversos elementos da área em que vivem.

Ao final deste primeiro encontro, foi feita a chamada e inscrição para a Oficina de Fotografia que foi ministrada em cinco dias com assuntos específicos sendo tratados em cada etapa.

No primeiro dia de oficina, após a leitura de um texto sobre fotografia e do entendimento de como se manipula uma máquina fotográfica digital, começava-se o trabalho com a fotografia de pessoas, figura 3. Aproximar os participantes dos outros moradores com o propósito de se fazer um retrato é um processo simples, mas fundamental para entendimento da fotografia como registro de interação entre o vizinho e eu, figura 4.

Figura 03: Fotos do processo de fotografar o outro.

Fonte: Acervo dos autores, jun 2012.

Figura 04: Uma fotografia do outro.

Fonte: Acervo dos autores, jun 2012.

Esta primeira etapa foi feita dentro do centro comunitário, sem muita variação de luz ou de enquadramento, mas a seguinte aconteceu no espaço privado da casa visando o fortalecimento da identidade de cada morador e maior intimidade com a máquina, conforme apresentado na figura 5.

Figura 05: Fotos do processo de fotografar minha casa.



Fonte: Acervo dos autores, jun 2012.

As etapas seguintes foram todas realizadas no espaço público aberto de maneira a usar da cidade como pano de fundo. Cada morador foi incentivado a andar pelo bairro de posse de uma máquina fotográfica. Fomentou-se o registro pessoal por meio da experiência e conseguiu-se, como já previsto por Clouser (2012), a construção de um espaço privado dentro da esfera pública.

A intenção era de chamar a atenção dos participantes aos aspectos importantes dentro da própria comunidade, ao que, às vezes, passa despercebido aos olhos de quem diariamente a percorre, figura 6.

Figura 06: Fotos do processo de fotografar meu bairro.



Fonte: Acervo dos autores, jun 2012.

Percebeu-se que, nesse processo de interpretação e valorização, houveram alguns pontos fundamentais, tais como o desejo pessoal de falar de seus lugares, do passado histórico, de acontecimentos recentes, ou mesmo de problemas atuais,

conforme apresentado por Murta e Goodey (2002) e por Ferrara (1996) e retratado nas figuras 7 e 8.

Figura 07: Uma fotografia do bairro.



Fonte: Acervo dos autores, jun 2012.

Figura 08: Outra fotografia do bairro.



Fonte: Acervo dos autores, jun 2012.

As fotografias permitem que se eternizem momentos que não necessariamente condizem com a realidade de um local fotografado ou com toda sua história diária. Entretanto, quando feitas através do olhar e da escolha do morador, a imagem construída foi bastante próxima da vivenciada. Para quem olha a imagem final, no caso da exposição das fotos - última fase do projeto que consiste na apresentação das fotografias para a comunidade -, era possível perceber a capacidade de se olhar para se ver mais, para reconstruir a aparência das coisas e trabalhar a memória coletiva do lugar.

A exposição de fotos foi montada na sede do novo centro comunitário para que os outros moradores (não participantes do projeto) pudessem também avaliá-las, sentissem atraídos pelas imagens, interagindo com o registrado e, conseqüentemente, repensassem a relação com o bairro. Como as intervenções em centros urbanos propostas pelo FNHIS reforçam os laços dos habitantes com o local de moradia uma vez que a maioria das características do tecido urbano e as relações de vizinhança são preservadas, a apresentação das fotografias do bairro para o bairro auxiliaram na manutenção da cultura local.

CONCLUSÃO

A educação patrimonial leva o indivíduo a um processo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural. Ela possibilita ao indivíduo fazer uma leitura do mundo que o rodeia, levando-o a compreensão do universo sócio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.

As fotografias feitas pelos moradores do Morada do Vale são a interpretação visual e individual de narrativa do bairro. O olhar múltiplo documentado e retratado é uma habilidade essencial que precisa ser reaprendida e o uso da fotografia se mostrou uma ação potente na interpretação de lugares que passaram por transformações, desenvolvendo o sentimento de pertencimento.

Apresentar esta proposta é mostrar uma possibilidade de interface entre universidade e sociedade através de um projeto de extensão. É dar crédito ao trabalho dos alunos e professores envolvidos em conjunto com os moradores participantes. É um jeito de se ver e viver a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre fotografia*. RJ: Nova Fronteira, 1984.
- BRANDENBURG, A.M. e CARROLL, M.S. Your place or mine?: the effect of place creation on environmental values and landscape meanings. *Society and Natural Resources*, v. 8, 1995. p. 381-398.
- BURGIN, Victor. *Looking at Photographs, in Theories and Documents of Contemporary Art*, Berkeley, 1996.
- CLOUSER, Jeremy. *People I Didn't know: Photographic Representations, Social Interactions and Personal connections with People I Didn't Know in Everyday London Life*. Disponível no site: <http://www.jeremyclouser.com/files/people-i-didnt-know.pdf> com acesso em 09/04/2012.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *As Cidades Ilegíveis: percepção ambiental e cidadania*, in DELRIO e OLIVEIRA (orgs.). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1996, p.61-80.
- FERREIRA, Luiz Felipe. *Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: *Revista Território*, ano V, n° 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000.
- FREIRE, Doía; PEREIRA, Lígia L. *história oral, memória e turismo cultural*. In: *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Stela Maria Murta; Celina Albano (orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002.
- HAYDEN, Dolores. *The Power of Place: Urban Landscapes as Public History*. London: the MIT Press, 1995. p.9.
- Kohlsdorf, Maria Helena. *Patrimônio cultural e preservação da identidade dos lugares*. *Arquitetura Revista*, v. 1 n° 2, jul-dez 2005. UNISINOS. Disponível no site: <http://www.arquiteturarevista.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=7> com acesso em 18/02/2012.
- LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publishers, 1991. p.83.
- MASSEY, Doreen. *Um sentido global do lugar* in ARANTES, Antônio Augusto. *O espaço da diferença*. São Paulo: Editora Papirus, 2000.
- MURTA, Stela Maris e ALBANO, Celina. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. UFMG, 2002. p.288.
- MURTA, Stela Maris e GOODEY, Brian. *Interpretação do Patrimônio para visitantes: um quadro conceitual*. In: MURTA, Stela Maris e ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o Patrimônio – um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG. 2002.
- NAJAFI, Mina e SHARIFF, Mustafa Kamal Bin Mohd. *The Concept of Place and Sense of Place In Architectural Studies*. World Academy of Science, Engineering and Technology, 2011.
- OLSTAD, Tyra. *Our Public Lands, My Red Desert: Personal Experience and Public Place-Creation*. 2012. Disponível no site: www.parklab.uiuc.edu/abstracts/Olstad.pdf acesso em 07 de maio de 2012.
- POZZER-ARDENGHI, Lilian, ROTH, Wolff-Michael. *Making Sense of Photoghaphs*. *Science Education*, v.89, n.2, p219-241, 2005. Disponível no site: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/sce.20045/pdf> com acesso em 27/03/2012.
- RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1980.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.
- SEMKEN, Steven e FREEMAN, Carol Butler. *Sense of Place in the Practice and Assessment of Place-Based Science Teaching*. Arizona State University: Wiley InterScience, 2008.
- STEWART William, WILLIAMS Daniel e KRUGER Linda. *Concepts and techniques to improve land-use planning*. Oregon State University Press, 2009.
- VARGAS, Heliana C. e CASTILHO, Ana Luisa Howard de (org.). *Intervenções em Centros Urbanos - Objetivos, Estratégias e Resultados*. Manole, 2005.